

A conscientização do homem acerca de sua responsabilidade de escolha a partir do conceito de Liberdade em Jean Paul Sartre

Awareness of man about the responsibility when it comes of choosing as the concept of freedom by Jean Paul Sartre

Paula de Avila Ramos¹, Thaís Leite Reis²

Como citar esse artigo. RAMOS, P. A; REIS, T.L. A conscientização do homem acerca de sua responsabilidade de escolha a partir do conceito de liberdade em Jean Paul Sartre. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 13, n. 2, p. 48-55, mai./ago. 2022.



Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Resumo

Este trabalho enfoca a temática da liberdade na perspectiva fenomenológico-existencial, com vistas a uma reflexão, de forma atuante, abstendo-se do conceito de libertinagem e buscando compreender o homem como responsável por suas escolhas, que tangem de igual modo o individual e o coletivo, já que age livremente dentro do que considera possível não somente para si, mas também para todo o social ao seu redor. A concepção de liberdade, considerada neste artigo, se apresenta como a única condenação presente na existência do homem, de modo a movimentar sua trajetória entre escolhas, atos, consequências e angústias, além de revelar a possibilidade de se assumir autêntico no que elege frente às intempéries que a realidade pode apresentar. O objetivo deste trabalho é trazer à luz a conscientização do homem enquanto um ser relacional, onde, ao mesmo tempo em que afeta o mundo, é também afetado por ele, o que revela a responsabilidade de suas ações e seu papel transformador na sociedade. Metodologicamente o artigo é de cunho teórico, sendo sua natureza descritiva, compreensiva e perceptiva, através de revisão de literatura. Para discorrer sobre tal tema e seus desdobramentos lançamos mão do autor, filósofo francês e escritor: Jean Paul Sartre.

Palavras-chave: Liberdade; Responsabilidade; Autenticidade; Sociedade.

Abstract

This work focuses on the theme of freedom in the phenomenological-existential perspective, with a view to a reflection, in an active way, abstaining from the concept of debauchery and seeking to understand man as responsible for his choices, which equally affect the individual and the collective, since it acts freely within what it considers possible not only for itself, but also for the entire social environment around it. The concept of freedom, considered in this article, presents itself as the only condemnation present in the existence of man, in order to move his trajectory between choices, acts, consequences and anxieties, in addition to revealing the possibility of assuming authenticity in what he chooses in the face of storms that reality can present. The objective of this work is to bring to light the awareness of man as a relational being, where, at the same time he affects the world, he is also affected by it, which reveals the responsibility of his actions and his transforming role in society. Methodologically, the article is theoretical imprint, being its descriptive, comprehensive and perceptive nature, through a literature review. To discuss this theme and its developments, we use the author, French philosopher and writer: Jean Paul Sartre.

Keywords: Freedom; Responsibility; Authenticity; Society.

INTRODUÇÃO

O homem é um ser histórico e social composto por experiências individuais e coletivas advindas de suas escolhas e dadas pela sociedade. Sua vivência é constantemente atravessada por decisões, mesmo que não as perceba, ou seja, suas ações são espontâneas à princípio e na maioria das vezes. Todo o tempo há uma convocação pela existência a um posicionamento, seja num grande acontecimento ou no cotidiano entre comprar pão ou biscoito na padaria, entrar na rua à direita ou esquerda, ir pelo caminho mais longe ou mais próximo (VIEIRA JUNIOR; ARDANS-BONIFACINO; ROSO, 2016).

Afiliação dos autores:

¹Discente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil.

²Docente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil

* Email de correspondência: paulaar2020@gmail.com

Recebido em: 26/02/2022. Aceito em: 03/05/2022.

O senso comum, geralmente, compreende a liberdade somente para fazer algo, atrelando-a à ideia de libertinagem, sem assumir seus atos e consequências, negando a responsabilidade das escolhas. Diante disso, importa refletir o conceito de liberdade em Jean Paul Sartre, que compreende o homem enquanto possuidor de uma autonomia de escolha responsável para si e para o mundo, já que uma escolha não é inteiramente individual, uma vez que o indivíduo se encontra inserido no social ao mesmo tempo que faz parte dele (SARTRE, 1998).

Escolher livremente fundado em si mesmo, a priori, pode parecer uma tarefa fácil, contudo, implica diretamente em colocar o homem diante da liberdade que é, consciente de suas escolhas e até do fato de não escolher, assumindo-se como roteirista e protagonista de sua vida, desde o momento em que percebe que a todo tempo e sobre tudo existem escolhas a serem feitas e assumidas. E essa liberdade de escolha não se constitui como característica do indivíduo, e sim, o próprio indivíduo é liberdade em sua totalidade e, por consequência disto, encontra-se constantemente na tarefa de se comprometer com a sociedade em suas livres escolhas.

Toda escolha exige do homem um comprometimento, devido ao mesmo não estar sozinho no mundo, mas em relação com o social onde se encontra inserido, que, por sua vez, também está atrelado às decisões que o homem entende como unicamente individuais. É incumbido ao homem, por intermédio da liberdade e somente a ele, o fator de possibilidade criativa para pensar em novas escolhas e junto a isso a consciência de estar implicado no que optou, “[...] sabemos que seremos sempre comprometidos com nossa escolha, porque sabemos que podemos mudá-la sempre.” (FERNANDES, 2015, p. 72).

A liberdade em Jean Paul Sartre, trata-se de desvendar o ser como livre para escolher, colocando-o, de fato, como possuidor não só de si, mas também das consequências de seus atos. Contudo, essa liberdade não é passível de negação ou recusa, ou seja, “de fato, somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livres: estamos condenados à liberdade.” (SARTRE, 1998, p. 596-597).

Portanto, existe ao homem uma única condenação: ser livre, não sendo possível não o ser. “[...] estou condenado a ser livre. Significa que não se poderia encontrar outros limites à minha liberdade além da própria liberdade, ou, se preferirmos, que não somos livres para deixar de ser livres.” (SARTRE, 1998, p. 543-544).

A proposta deste trabalho se debruça em conscientizar o homem acerca de sua participação ativa na construção do cenário onde se encontra, segundo o que opta, visto que suas escolhas individuais afetam o coletivo acarretando responsabilidades. Essa construção se torna viável no momento em que o homem assimila o conceito de liberdade enquanto necessidade de ser autêntico mesmo diante das facticidades e se compreende como um sujeito de relações, que ao mesmo tempo em que constitui o mundo é igualmente constituído, pois é parte de uma sociedade que reflete as decisões por ele tomadas.

Pretende-se ainda, analisar a diferença entre o homem que se responsabiliza e o homem que se culpa, bem como, contemplar a liberdade sartriana e seus desdobramentos enquanto possibilidade de ser no mundo frente a responsabilidade e angústia acarretadas por ela. Com base nestes motivos apresentados, nota-se a relevância de tratar sobre a liberdade em Sartre, para que seja possível almejar indivíduos inteiramente assumidos em suas escolhas e gerar também uma sociedade mais engajada e comprometida com suas decisões e com os outros. A reflexão deste trabalho se dará por meio de uma revisão de literatura, de caráter descritivo, compreensivo e perceptivo, com base em artigos levantados no Google Acadêmico e obra do referido autor.

A linha teórica escolhida como base foi a Fenomenológico-Existencial, com fundamento em Jean Paul Sartre (1905-1980), filósofo e escritor francês, que percebe o homem enquanto infinidade de vicissitudes, podendo, segundo a liberdade que é, criar a si mesmo e ao mundo.

A Psicologia, portanto, têm muito a oferecer para o homem e para a sociedade, pois opera enquanto abertura para que o ser possa escolher com autenticidade, permitindo o questionamento dos sentidos enrijecidos existentes e o surgimento de novos horizontes, através da possibilidade de diferentes modos de experienciar a vida particular e coletiva, gerando uma reflexão sobre contribuições que podem ser

pensadas para uma sociedade onde os indivíduos que a compõem compreendam a liberdade em sua plenitude (NASCIMENTO; CAMPOS; ALT, 2012).

O ENGAJAMENTO RESPONSÁVEL DO SER

O homem livre pode escolher se posicionar de forma autêntica perante as demandas que o acometem e, ao compreender a liberdade como parte de si, constata que a mesma não se apresenta como uma conquista ou algo a ser alcançado, tal como um objeto ou prêmio, concebendo junto a isto, sua impossibilidade de rejeição, ou seja, o ser apreende que se não é possível conquistar a liberdade, da mesma forma não é possível a abandonar (SILVA, 2013).

Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser... (SARTRE, 1998, p. 542-543).

A liberdade pode parecer de certo modo contraditória, onde, de um lado, faz parte do homem o permitindo ser livre para escolher com autonomia, entretanto, do outro, essa escolha se constitui como determinação a esse homem livre, já que até o fato de negar se sujeitar a escolher se constitui uma escolha de sua inteira responsabilidade, não podendo dividir o encargo de ser livre e nem de ser responsável. É neste momento em que o homem experimenta uma espécie de desproteção perante a si mesmo e as suas escolhas, pois entende que tudo o que opta participa de sua construção, o que possibilita tomar consciência de sua determinação enquanto ser livre. “[...] Liberdade é liberdade de escolher, mas não liberdade de não escolher. Com efeito, não escolher é escolher não escolher.” (SARTRE, 1998, p. 592).

A escolha se torna realizável na prática através da consciência de liberdade que o ser é. O discernimento de ser livre coloca o homem diante de suas escolhas e busca clarificar a responsabilidade que possui, e ao tentar esquivar-se desta última, vem a ser responsável por isso do mesmo modo. É nesta ocasião em que se pode pensar em uma diferenciação do homem engajado em suas escolhas e do homem que se culpa por temor às consequências frente às decisões que toma, uma vez que a culpa visa retirar do sujeito sua autonomia, levando-o a não assumir suas decisões como se não possuísse consciência delas, porém, toda escolha provém de uma consciência, o que posiciona o homem como autêntico perante o que escolhe. “[...] preciso ser consciente para escolher, e é preciso escolher para ser consciente. Escolha e consciência são uma só e a mesma coisa.” (SARTRE, 1998, p. 569).

A consciência de escolher com responsabilidade revela ao homem a necessidade de estar implicado no que decide, pois, escolher não se restringe somente a optar entre preferências, mas sim, assumir-se como proprietário do que decidiu e querer o que se propôs a fazer, “[...] não basta querer: é necessário querer querer.” (SARTRE, 1998, p. 550). Escolher é continuar escolhendo, é engajar a si mesmo se responsabilizando por sua decisão e declarando a si como encarregado e único causador de suas consequências. Com isso, o indivíduo se compromete na existência construindo seu projeto existencial através das suas escolhas em ato.

Quando o homem se propõe a escolher de forma autêntica, assumindo-se livre e responsável por seus atos, que são “expressão da liberdade” (SARTRE, 1998, p. 541), ele investe no tecimento de sua história construindo a si mesmo e isso implica diretamente no meio social onde se localiza, dado que o homem também é um ser coletivo, assim sendo, existe uma relação homem - sociedade na qual este homem, contribui ativamente na construção do cenário que almeja viver. “Assim a responsabilidade implica no poder do homem como centro de existência, sendo o homem autor da maioria das coisas e do seu intrínseco ser.” (POGETTI, 2017, p. 11).

Importa ressaltar aqui, o desafio diário de se manter sempre disposto a escolher e agir de modo

consciente, pois, ser autêntico em todo o tempo no mundo em que habitamos pode causar um adoecimento, visto que, isto significaria se situar na contra mão da alienação em todos os sentidos. Por este motivo, é relevante pensar a liberdade em sua inteireza, incluindo o preço que se paga por ser único e se sustentar no que escolheu, e o simples fato de se posicionar de modo autêntico pode suscitar uma rejeição social por não agir dentro do esperado ou do considerado comum. É neste instante em que o homem, por vezes, faz uso da má-fé, recurso este que é parte da existência humana e é utilizado na tentativa de se esquivar da angústia presente na necessidade de permanecer escolhendo em sociedade partindo de sua liberdade.

O homem disposto a se comprometer em suas decisões, assimila que ao optar por algo nega a outro, posto que, escolher é migrar entre perdas e ganhos. Escolher algo significa não escolher outro e é esse movimento de escolher e abdicar que o compõe em sua singularidade e liberdade, ou seja, o constitui mediante ao que opta (SARTRE, 1998).

Um ateu convertido não é simplesmente um crente; é um crente que negou o ateísmo para si, um crente que petrificou em si o projeto de ser ateu. Assim, a nova escolha dá-se como começo na medida em que é um fim, e como fim na medida em que é começo. (SARTRE, 1998, p. 575).

A constituição do sujeito decorre em conjunto com a constituição do mundo que o cerca por intermédio de suas decisões, e é sabido que, ao serem tomadas, estabelecem novos e/ou diferentes modos de experienciar a vida, pois a cada decisão, não decisão, ou até mesmo indecisões, o ser vai compondo sua história e a do mundo com igualdade (VIEIRA JUNIOR; ARDANS-BONIFACINO; ROSO, 2016).

A consequência essencial de nossas observações anteriores é a de que o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. (SARTRE, 1998, p. 678).

A começar da escolha que o ser faz para si e inegavelmente para o mundo que se gera o ato, que é intencional, portanto, não aleatório, sendo onde a liberdade se torna manifesta. Por esta razão, quando dizemos que a culpa visa eximir o homem de sua responsabilidade nos referimos ao homem que escolhe, de forma consciente, e após perceber a consequência acarretada por tal ato prefere se culpar para não lidar com determinada situação, todavia, a intenção revela o homem como livre, ou seja, sendo livre para optar é livre também para assumir (SILVA, 2013).

[...] uma ação é por princípio intencional. O fumante desastrado que, por negligência, fez explodir uma fábrica de pólvora não agiu. Ao contrário, o operário que, encarregado de dinamitar uma pedra, obedeceu às ordens dadas, agiu quando provocou a explosão prevista: sabia, com efeito, o que fazia, ou, se preferirmos, realizava intencionalmente um projeto consciente. (SARTRE, 1998, p. 536).

Destaca-se neste contexto a diferença entre a ação e o desejo, este último, se apresenta no plano da aspiração e da expectativa e pode não se relacionar com a prática, enquanto a ação é execução, movimentar-se conscientemente em direção ao que foi escolhido, aceitando o comprometimento exigido dentro do que optou. “O homem deve assumir todas as consequências e responsabilidades de um ato cometido, mesmo se, por outro lado, esse ato lhe causa horror.” (CAUBET, 1963, p. 75).

A ação não se determina por fatores externos, é motivada pela falta que não se esgota em si mesma, pois “a realidade humana mesma é uma falta” (FERNANDES, 2015, p. 58) e por isso não cessa e nem é superada, mas tem como função dar movimento ao homem dentro de sua liberdade gerando impulso para que possa escolher dentro do que compreende como ideal para suprir essa lacuna em sua existência, logo, o ato não coloca o homem como um sonhador, visto que busca ativamente a realização do que escolheu.

Em primeiro lugar, a escolha implica em um fazer, ou pelo menos em um início de ação, para se concretizar enquanto liberdade, o que não equivale afirmar que o fim almejado pelo sujeito tenha que ser alcançado plenamente, mas que o sujeito deve ao menos principiar a ação pretendida a partir de sua escolha, a fim de não se confundir com o sonho ou o desejo. (FERNANDES, 2015, p. 72).

Um homem empenhado em seus atos se engaja na sociedade com vistas a compor a mesma com mais responsabilidade coletiva em suas escolhas individuais. “Ao escolher cada ato seu o homem escolhe por todos os outros, pois o concebe como o melhor a ser realizado naquele momento [...]” (FERNANDES, 2015, p. 80). Todavia, isso não significa que o homem esteja aprisionado naquilo que escolhe não podendo mudar, pelo contrário, escolhas não podem ser engessadas ou aprisionadas, não havendo, por conseguinte, uma determinação em escolher sempre a mesma coisa e nem a agir da mesma forma, mas sim, responsabilizar-se da mesma maneira independente de sua decisão.

O FACTÍVEL E A LIBERDADE EM SITUAÇÃO

Tratando-se sobre a liberdade na práxis, primeiramente, pode parecer de certa forma incoerente, pois como seria possível ser livre dentro do factível? A sociedade na qual o homem está inserido é composta por limitações e imposições que se apresentam a ele todo tempo em seu cotidiano, seja de forma perceptível ou obliterada, o factível é regido e integrado por regras sociais. Desta forma, faz-se necessário refletir em onde a liberdade se manifesta, dado que o ser se encontra em um mundo de determinações.

Ocorre que a liberdade não pode ser aprisionada por uma situação devido ao fato de a realidade não ser suficiente para determinar o homem a optar por algo, havendo sempre a possibilidade de escolher de forma autêntica, independente da circunstância em que se encontra. Baseado nisso, nota-se que é atribuído somente ao homem o poder de decidir o que é insuportável para si mediante sua autonomia. A situação, seja ela qual for, por si só não é suficiente para que o indivíduo dê um basta ou mude seu percurso, e sim o clarear da consciência sobre determinada situação é o que permite ao ser decidir se a sustenta ou não (VIEIRA JUNIOR; ARDANS-BONIFACINO; ROSO, 2016).

Pois é preciso inverter aqui a opinião geral e convir que não é a rigidez de uma situação ou os sofrimentos que ela impõe que constituem motivos para que se conceba outro estado de coisas, no qual tudo sairá melhor para todos; pelo contrário, é a partir do dia em que se pode conceber outro estado de coisas que uma luz nova ilumina nossas penúrias e sofrimentos e decidimos que são insuportáveis. (SARTRE, 1998, p. 538).

Entre os motivos que a realidade apresenta de modo a restringir as possibilidades de escolha e as ações que podem ser realizadas pelo homem, existe a liberdade que o exime da necessidade de agir de modo determinado. O homem como possuidor de uma consciência é o único capaz de arbitrar como irá proceder no cenário em que se encontra, mediante uma decisão intrínseca em agir partindo do que lhe apraz. “Nenhum estado de fato, qualquer que seja [...] é capaz de motivar por si mesmo qualquer ato.” (SARTRE, 1998, p. 539).

Deste modo, o cansaço, a dor e a aflição, em sua natureza, não são o bastante para interromper o modo de viver atual do sujeito, isso porque não existe um sentido universal que toca a todos de forma equivalente, cada ser vive uma mesma situação de modos diferentes, em outras palavras, o que pode ser terrível para uma pessoa, pode ser aceitável para outra, por esta razão não se pode afirmar que um dado contexto trará os mesmos sentidos a todas as pessoas. Em tempo, podemos afirmar que, apesar de cada pessoa possuir um jeito próprio de conduzir sua vida, nenhum deles pode se isentar de sua liberdade perante a situação. “Com efeito, se admitíssemos que as circunstâncias decidem por mim [...] estaríamos com isso suprimindo toda liberdade.” (SARTRE, 1998, p. 549).

Neste momento, torna-se possível contemplar a liberdade em situação, onde o ser dentro da realidade vivida escolhe conscientemente, age e se responsabiliza a partir da possibilidade de criar e transcender a si mesmo, pois, “[...] está comprometido com a tarefa, sempre inacabada, de dar sentido à sua própria existência.” (TEIXEIRA, 2006, p. 291). A maior adversidade a qual o homem irá se deparar não se resume apenas em transcender situações, medos e crenças, mas sim, após a transcendência, esbarra com a questão da imanência, ou seja, a realidade que implica em convocações e valores sociais, buscando um encurtamento da liberdade por meio de obrigações e limitações capitalistas de produzir a todo

instante, sem ao menos refletir sobre. Este é o maior impasse de viver em sociedade, quando posterior a transcendência, o homem se volta para a realidade que exige um posicionamento determinado.

Não é possível se eximir da realidade, posto que estamos no mundo e o factível sempre irá se apresentar, mas o ser pode se modificar sempre que decidir por isso e se assumir nessa decisão, uma vez que pode trocar a rota do caminho trilhado até então. A impossibilidade de modificar a situação revela a possibilidade de mudar a si mesmo dentro da situação. “Determinado rochedo, que demonstra profunda resistência se pretendo removê-lo, será, ao contrário, preciosa ajuda se quero escalá-lo para contemplar a paisagem.” (SARTRE, 1998, p. 593).

Indesculpável, frente ao que escolhe em situação, o homem, por mais que esteja cercado por demandas que pareçam definir suas escolhas, ainda assim é dono de si, o que pode ocasionar a presença de angústia ao se deparar com o fato de que, mesmo com motivos para agir de certa maneira, permanece proprietário de suas escolhas e responsável por elas. “No final das contas, não existe desculpas ou justificativas para se eximir do papel que cada um exerce em cada situação.” (FERNANDES, 2015, p. 82).

O fato do homem ser indesculpável perante ao que escolhe não é o suficiente para que possamos negar que ele também sofra com as influências exercidas pelo social ao seu redor. Esse social se apresenta enquanto família, cultura, condição social e tudo aquilo que possa participar da sua construção na qualidade de sujeito, o que nos leva a admitir que o homem nasce em um mundo regido por interferências. A indeterminação abarcada por este trabalho diz respeito ao momento em que vamos nascendo existencialmente mais únicos e próprios a partir do alcance da maturidade, a nível individual e coletivo, juntamente com a compreensão da liberdade que somos dentro da situação a qual estamos inseridos (TEIXEIRA, 2006).

A ANGÚSTIA PRESENTE NA CONSCIÊNCIA DE LIBERDADE

Ao inferir que nem mesmo as situações mais complexas podem o determinar, apesar de sua influência, ao escolher por algo, o homem pode esbarrar com a angústia de estar sempre compelido a decidir por si mesmo de forma autêntica, o que pode suscitar um certo receio ao se perceber continuamente frente a tarefa de agir com responsabilidade. “A angústia seria pois esse sentimento de responsabilidade do homem que se engaja no momento em que ele se pergunta o que aconteceria se todo o mundo fizesse a mesma escolha que ele.” (CAUBET, 1963, p. 75).

Essa angústia a qual experimenta é parte importante da condição própria da existência do mesmo, ou seja, é a angústia de existir diante da liberdade que é e das escolhas que precisa tomar e não de ordem patológica como um tormento ou amargura. “Essa situação de angústia em que se encontra o homem diariamente não pode ser entendida como uma vida marcada pela tristeza, sofrimento ou pelo desejo de não viver.” (SOUZA, 2020, p. 94).

O homem angustiado não se confunde a ideia de infelicidade, pelo contrário, se angustia na medida em que visa à construção do seu próprio mundo, pois o fato de ser totalmente livre também o leva a ser plenamente responsável pela combinação de suas escolhas autênticas e atos em direção a sua realização. Nesse momento, o indivíduo se observa como senhorio exclusivo de sua vida e das consequências de suas ações, entendendo que seu compromisso não se finda em si mesmo, mas se estende a toda a sociedade agindo dentro do que julga como melhor naquele instante e cenário (SILVA, 2013).

Em sua vida, o homem é impelido pela angústia, que tem como objetivo o lançar perante a dimensão das possibilidades existentes de novas escolhas ao seu redor em direção à tarefa de estar ininterruptamente na incumbência de decidir, onde ele constata que todas as suas escolhas imprimem uma constituição e, sejam elas como ou quais forem, possuem sempre o poder de o compor e modificar (SILVA, 2013).

Minhas roupas (uniforme ou terno, camisa engomada ou não), sejam desleixadas ou bem cuidadas, elegantes ou ordinárias, meu mobiliário, a rua onde moro, a cidade onde vivo, os livros que me rodeiam, os entretenimentos que me ocupam, tudo aquilo que é meu, ou seja, em última instância, o mundo de que tenho perpetuamente consciência – pelo menos a título de significação subentendida pelo objeto que vejo ou utilizo -, tudo me revela minha escolha, ou seja, meu ser. (SARTRE, 1998, p. 571).

A angústia descortina sobre o homem sua indeterminação a partir da consciência da liberdade que é, bem como a constante necessidade de ação baseada em suas escolhas autênticas perante ao real em que vive, evidenciando ao homem a inexistência de uma fórmula para não se comprometer em seus atos. “O homem é livre, consciente disso, se angustia porque se vê compelido a escolher.” (SILVA, 2013, p. 104). É nesta ocasião em que o homem atesta sua condenação, estando em contato direto com sua autenticidade.

O impacto causado pela angústia no homem faz com que o mesmo se depare com dois caminhos: o de se assumir angustiado perante sua existência de forma autêntica ou recorrer ao uso da má-fé se empenhando em fugir ou negar a existência da liberdade na tentativa de não arcar com as consequências de suas tomadas de decisão (SARTRE, 1998).

O fato do ser humano buscar fugir da verdade, que é entender a liberdade como algo que faz parte de sua existência, gera como consequência o fato de não assumir suas responsabilidades, levando-o a reagir com má-fé. (SOUZA, 2020, p. 95).

A má-fé se apresenta como o oposto da autenticidade, onde o sujeito pretende transferir suas decisões juntamente com o comprometimento que elas acarretam. Essa forma inautêntica se caracteriza como uma restrição da liberdade e negação da possibilidade de escolha, na qual o sujeito busca uma espécie de determinação que o teria impedido de agir livremente com a finalidade de justificar suas decisões inautênticas. No entanto, antes de qualquer coisa, o ser é livre, e até na tentativa de procurar meios para se restringir, faz uso de sua liberdade reafirmando sua indeterminação (VIEIRA JUNIOR; ARDANS-BONIFACINO; ROSO, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a pensar a liberdade sartriana no cotidiano, destacando um modo de viver autêntico e responsável que se articula com o universal. A condição de liberdade propicia ao homem constatar sua indeterminação junto a imensidão de escolhas existentes, para que possa se movimentar livremente em direção àquilo que lhe confere sentido.

O homem dispõe de uma consciência de liberdade que o permite compreender a possibilidade de estar atuante, tanto em sua vida particular quanto no coletivo, escolhendo e agindo com autenticidade em situações aparentemente limitantes, aparentemente, porque não se determina por fatores situacionais, dado que sua única condenação é ser livre.

Assim sendo, ao que se pretendeu este trabalho foi trazer a reflexão que em uma sociedade consciente de sua liberdade, composta por homens e mulheres livres e responsáveis por suas ações, talvez, seja possível escolher com autonomia independente da situação vivida. Cabe uma relação entre homem e mundo de abertura com as coisas, em que ao assumir os riscos e consequências de seus atos mesmo diante ao imprevisível pode ser construído um novo caminho para sua existência.

A Fenomenologia Existencial compreende a construção do ser como realizável a começar da relação, pois é ela que o permite se identificar como campo de abertura para novos sentidos, sendo transformado e agente transformador com base em seus atos e estando pronto a admitir sua incompletude na ideia de explorar novas experiências. Se asserenar existencialmente de toda inquietação causada pelas demandas do real é uma forma do ser dialogar com si mesmo, escutando seu próprio silêncio e percebendo a importância de respeitar seus processos e os sentidos que eles trazem, além da consciência de uma

inexistência de um método ou decisão que funcione a todos. Silenciar o entorno para entender o que faz sentido para si é um modo de buscar exercer de maneira saudável e única sua liberdade.

Por mais que visivelmente o homem não identifique ao seu redor a perspectiva de uma outra escolha, ela se faz presente. Sempre existirão outras formas, outros sentidos e outras opções. Compete ao homem utilizar seu campo de possibilidades para exercer sua liberdade criativamente e se equilibrar entre as escolhas autênticas e consequências imprevisíveis. Por isso, é desafiador sustentar suas escolhas, já que não existem garantias dos resultados da ação.

Dessa forma, entende-se a liberdade sartriana não para um fim, mas um querer autônomo do indivíduo em traçar uma nova rota de vida mesmo diante das facticidades dentro do campo dos possíveis. Ao defrontar com a angústia da condição de existir livre e responsável pode movê-lo na construção de uma sociedade mais consciente de suas ações, uma vez que ao escolher com respeito para si mesmo toca com respeito o social, sendo esta relação constitutiva do ser.

REFERÊNCIAS

CAUBET, Rosa Alice. **Existencialismo segundo Sartre**. (1) La Force des Choses, Paris, Gallimard, 1963. v. 1, p. 60. (2) Publicado logo em seguida por Nagel, em Genebra, com pouquíssimas modificações. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/18065/16994>. Acesso em: 23 set. 2021.

FERNANDES, Luciana Lima. Liberdade e responsabilidade em o ser e o nada de Jean-Paul Sartre: perspectiva ética de um engajamento intelectual. 2015. 92 f. – **Dissertação** (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Fortaleza (CE), 2015. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15900/1/2015_dis_lfernandes.pdf. Acesso em: 04 out. 2021.

NASCIMENTO, André Barata; CAMPOS, Carolina Mendes; ALT, Fernanda. Psicologia Fenomenológica, Psicanálise existencial e possibilidades clínicas a partir de Sartre. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 706-723, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 out. 2021.

POGETTI, Neusa. **A questão da liberdade na obra de Jean Paul Sartre**. TCCArtigo - 2017. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/34>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução: Paulo Perdigão. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 782.

SILVA, Aline Maria Vilas Bôas da. A concepção de liberdade em Sartre. **Revista Filogênese – Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP – v. 6, n. 1, 2013**. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.

SOUZA, Hugo França de. **Liberdade em Jean-Paul Sartre**. CATHEDRA - Revista Eletrônica Multidisciplinar das Faculdades Integradas do Vale do Ivaí. Ivaiporã: UNIVALE, v. 1, n. 1, p. 86-98, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://univale.com.br/content/uploads/2021/04/CATHEDRA-Edi%C3%A7%C3%A3o-1-Volume-1-2020.pdf#page=86>. Acesso em: 20 out. 2021.

TEIXEIRA, José A. Carvalho. Introdução à Psicoterapia Existencial. **Análise psicológica**, v. 24, n. 3, p. 289-309, 2006. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/view/169/pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.

VIEIRA JUNIOR, Cezar Augusto; ARDANS-BONIFACINO, Hector Omar; ROSO, Adriane. A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 119-130, abril, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5275/527554776010.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.